

Brasília do projeto até o cotidiano

A cidade entre o sonho e o pesadelo em discussão pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Brasília, cidade pós-modernista que permite superar a dependência cultural do ranço colonialista europeu? Ou uma cidade-monumento, cujo aspecto formal de sua concepção arquitetônica expressa a vida voltada para o trabalho e a conservação da natureza? Ou ainda uma cidade que até hoje não realizou o seu projeto, servindo apenas aos especuladores imobiliários, à burguesia e aos donos do poder?

Essas foram as principais questões discutidas, ontem, por professores e estudantes de Arquitetura e Urbanismo, no debate "Brasília – do projeto ao concreto", realizado no mezanino do próprio departamento. O debate não despertou muito o interesse dos alunos — a maioria calouros — mas serviu como uma oportunidade rara à comunidade acadêmica, para que atualizasse o seu conhecimento quanto às principais linhas teóricas sobre as relações entre o projeto-piloto de Oscar Niemeyer e a Brasília de hoje.

O debate teve outro objetivo também: o de motivar os alunos à discussão das principais questões que fazem os conflitos arquitetônicos e urbanísticos da cidade nos dias de hoje. "Provocar discussões construtivas", resumiu o professor



Arnaldo Schulz

Cláudio Queiroz, Maria Eliana, Sanchez, Fred Holanda, Aleixo Furtado e Manoel Gorowitz

Aleixo Furtado. No debate prevaleceram pontos de vista conflitantes quanto à essência do projeto-piloto de Oscar Niemeyer.

Para o professor Frederico Holanda, "apenas se debatem idéias e não uma cidade. O que existe hoje ainda é o projeto original de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, apenas a idéia original". Frederico Holanda acha que a cidade tem que ser discutida sob outro prisma. Ele citou, a

título de exemplo, a inexistência de estudos científicos que levantem as diferenças entre os níveis de satisfação individual e por faixa social, da população, quanto ao desenvolvimento espacial e arquitetônico da cidade.

"Do projeto original ao concreto nada mudou. As superquadras estão aí, como sempre estiveram. Ainda não se discute e se estuda, com maior rigor científico, todo o

complexo das relações culturais e humanas oriundas de um projeto previamente calculado", disse Frederico Holanda.

Mas há quem defenda aspectos positivos do projeto de Niemeyer. É o caso do professor Aleixo Furtado. Para ele, Brasília foi concebida por uma série de condicionantes do processo histórico da década de 50, como a necessidade de se interiorizar o desenvolvimento econô-

mico e social, integrar a região Centro-Oeste ao restante do País, tudo isso aliado a um despertar político e cultural pelo qual passa o País na era JK. Para o professor Aleixo Furtado, "os ideais de Brasília enquanto cidade que poderia se desenvolver por mecanismos naturais comuns e tantas outras cidades foram ceifados no berço". O regime militar, no seu ponto de vista, alterou profundamente as relações do poder com a cidade.

Brasília também é hoje entendida numa outra relação. A que une o sentido de monumentalidade de seu projeto — espaços abertos, prevalência dos monumentos em áreas bem definidas — ao sentido que possa ter com o trabalho ordenado — repartições públicas principalmente — e a prevalência do verde. A professora Maria Elaine reforça esse argumento ao que ela chama de "percepção dos efeitos visuais de campo longo". Na prática, a professora explica essa tendência de Oscar Niemeyer em seu projeto original, lembrando que os "monumentos em Brasília dificilmente podem ser sentidos em toda a sua abrangência a pequenas distâncias". Para ela, Niemeyer se preocupou em privilegiar as "grandes dimensões", tanto para o verde, como para as projeções. (Marcelo Vieira)